

AS ARGONÁUTICAS 1.605-914: O EPISÓDIO DE LEMNOS*Vinicius Ferreira Barth*

RESUMO: Apresento aqui uma tradução inédita para os versos 605 a 914 do canto 1 das Argonáuticas, épica helenística escrita por Apolônio de Rodes no séc. III a.C. O trecho concentra o episódio da chegada dos heróis à ilha de Lemnos, onde se desenvolvem alguns elementos que definirão Jasão como um líder ligado definitivamente ao Eros, além de demonstrar valores que tendem muito mais à diplomacia que ao valor guerreiro.

PALAVRAS-CHAVE: Apolônio de Rodes; Argonáuticas; épica; erotismo; tradução.

ABSTRACT: This work intends to present a new poetic translation of book 1, vv. 605-914, of the Argonautica, Hellenistic epic written by Apollonius of Rhodes in the III century B.C. This passage contains the episode of the heroes' arrival to the island of Lemnos, and it develops some elements that will define Jason as a leader definitively linked to the Eros. Besides, it will demonstrate some of his values that tend much more to the diplomacy than to the warriorship.

KEYWORDS: Apollonius of Rhodes; Argonautica; epic poetry; eroticism; translation.

INTRODUÇÃO

O episódio da ilha de Lemnos dentro das Argonáuticas, de Apolônio de Rodes, constitui o primeiro embate diplomático enfrentado por Jasão como líder dessa expedição, o que virá a demonstrar algumas características notáveis de seu caráter. As habitantes de Lemnos têm uma história singular e especialmente interessante. Enciumadas dos maridos que traíam-nas incessantemente com escravas pilhadas da Trácia, elas assassinam a todos, abandonam o rei à própria sorte dentro de um caixão jogado ao mar, e por fim tomam o poder. A filha do rei, Hipsípile, torna-se então a soberana da ilha. Sua figura, longe de ser desimportante nessa sucessão de eventos, congrega em si alguns traços de Calipso e de Nausícaa, e ainda anuncia outros, como de Medeia e, não nos esqueçamos, de Dido.

A ilha de Lemnos torna-se a ilha dos amores, lugar tão reconhecido na épica de antes e de depois, e ali os argonautas perdem-se em festejos e graças, atirando ao esquecimento os motivos de suas jornadas e as lembranças de suas terras e famílias. Ali eles são pegos também pela mentira (comparar a história de Lemnos contada pelo narrador, vv. 609-32, com a mesma história contada por Hipsípile, vv. 798-826) e pelo desejo carnal; o tempo passa sem que percebam; o mistério e os festejos assumem o

lugar da insegurança de ambos os lados. Como veremos no texto, é necessária uma força maior que os coloque de volta nos trilhos do fado. Hipsípíle e as mulheres, cansadas de realizar por si mesmas os trabalhos manuais masculinos (chamados ‘trabalhos de Atena’, v. 629), desejam ardentemente a companhia que atraca em seus portos. Insufladas de amor por Afrodite, planejam seus futuros junto aos heróis.

Demais elementos importantes presentes neste trecho, como a ekphrasis do manto de Jasão (vv. 721-67) e o símile da estrela com a qual o herói se assemelha durante a entrada em Mirina (vv. 774-80), renderiam por si sós dezenas de páginas de análises, e não por acaso são assuntos com os quais a fortuna crítica se debate incessantemente. Não entraremos nessas discussões neste espaço, apontando apenas os aspectos centrais da discussão no formato de notas e comentários ao fim do texto, mas uma leitura mais detida desses versos sempre valerá em função de novos esclarecimentos do sentido não só deste episódio mas também das motivações e sentimentos desses personagens que compartilham um cenário tão complexo como é o da enormemente acadêmica épica helenística. Creio que, para quem se interesse, esse seja um dos capítulos mais deliciosos e intrigantes de toda a épica de Apolônio de Rodes, justamente por ser tão rodeada de enganos e incertezas, dessa atmosfera de poderes divinos que sugerem o erotismo, e que ao mesmo tempo demonstram-se tão dolorosamente trágicos.

Por fim, sobre a tradução: utilizei a edição crítica estabelecida por Hermann Fränkel (1961), e o metro que escolhi neste projeto, para a trasposição do hexâmetro dactílico para o português, é o verso de doze sílabas.

ARGONÁUTICAS 1.605-914

Até a noite, naquele dia, um vento bom 605
soprou forte, esticando a vela do navio.

Mas ao tombar do sol, co’ o abandonar do vento,
remando foram ‘té a rochosa Lemnos Síntia.

Ali, os homens do povo foram, de uma vez,
mortos pelas mulheres no ano anterior. 610

Pois tendo rejeitado as esposas legítimas,
execrando-as, desejo bruto tinham pelas

cativas, que eles despojavam do outro lado,
pilhando a Trácia; os escoltava o atroz rancor 615
de Cípris, pois há muito a ela não honravam.

Ó, miseráveis! Insaciadas de ciúmes,
não somente os maridos com elas mataram
na cama, mas os homens todos, p’ra que não

houvesse no futuro a paga do massacre.
 De todas, só Hipsípile poupou o velho 620
 pai, Toante, que sobre a multidão reinava;
 e em um baú vazio lançou-o ao mar, p'ra assim
 quiçá escapar. E pescadores o arrastaram
 p'ra ilha que era antes Eneia, e então Sicino,
 por causa de Sicino, gerado de Eneia, 625
 a ninfa, após ter se deitado com Toante.
 Vestir os brônzeos trajes e os bois pastorear,
 e arar as plantações de trigo era mais fácil
 p'ra elas que os trabalhos de Atena, co' os quais
 se ocupavam outrora. No entanto, frequente 630
 pousavam sobre o vasto mar os seus olhares,
 temendo horrivelmente a chegada dos Trácios.
 Por isso, quando viram junto à ilha a Argo,
 iam em multidão das portas de Mirina 635
 vestidas para a guerra, à praia despejando-se,
 como Tíades carniceiras, pois talvez
 viessem Trácios; e Hipsípile Toantida co' elas
 vestiu do pai as armas. Receosas desciam
 sem fala; tal o horror que sobre elas pairava.
 Entretanto, os heróis despachavam da nau 640
 o ágil mensageiro Etálida, incumbido
 de portar as mensagens e o báculo de Hermes,
 seu pai, que concedeu-lhe memória imortal.
 Nem mesmo agora, entrando em imprevistos vórtices
 do Aqueronte, em sua alma penetrou o oblívio; 645
 pois esta tem em seu destino a infinda troca,
 que ora entre os subterreos vai, ora entre os homens
 vivos sob o raiar do sol. Mas por que as lendas
 de Etálida é preciso que eu conte integrais?
 Pois ele convenceu Hipsípile a acolher 650
 quem vinha ao pôr do sol; mas a nau não soltaram
 nem na aurora, por causa do sopro de Bóreas.
 E as mulheres de Lemnos, vindo pelas pólis,

reuniram-se, tal qual Hipsípile ordenara.
E quando em assembleia unidas se encontravam, 655
seu discurso impelia às outras desse modo:
 “Amigas, bom será gentis regalos darmos
aos homens, coisas que convêm levar à nau,
víveres, vinho puro, p’ra mantê-los fora
de nossas torres, e que por necessidade 660
não venham cá a saber verdades e se espalhe
um rumor grave; pois oramos atos vis,
e não será de agrado a ninguém, se souberem.
Em minha mente surge agora tal astúcia;
mas, se de vós alguém tiver melhor propósito, 665
que levante; também p’ra isso vos chamei.”
 Assim falou; sentou-se então no pétreo trono
do próprio pai; se pôs de pé a ama Polixo,

que tinha vasta idade sobre os frouxos pés,
e, ansiosa por falar, num bastão se sustinha. 670
Ao seu redor estavam quatro intactas damas;
distinguiam-se todas pelas alvas comas.
E estando ao centro da assembleia, debilmente
ergueu o pescoço sobre o curvo dorso, e disse:
 “Esses regalos, como intenta a própria Hipsípile, 675
aos estranhos mandemos, que é melhor assim.
Mas e a nós, como sustentar-nos a nós mesmas
se nos ataca a Trácia tropa ou qualquer outra,
como acontece aos homens com certa frequência,
Assim como veio esta inesperada turba? 680
E se algum dos divinos isso afasta, infindos
e outros males esperam, piores que a guerra,
quando todas as velhas mulheres morrerem,
e a vós jovens, inférteis, vier velhice trágica.
Como resistirão, ó miseráveis? Vão 685
acaso autômatos os bois trazer o arado
p’ra vós, e abrir os sulcos, repartir a terra,
e à translação de um ano recolher espigas?

Pois eu, embora as Queres quanto a mim se ericem,
 creio no próximo ano estar toda coberta 690
 de terra, após ter recebido ritos fúnebres,
 como é devido, antes que a ruína se aproxime.
 Às jovens aconselho nisto pensar bem.
 A vossos pés se avista, pois, escapatória,
 se confiardes as casas e todos os vossos 695
 bens e a luzente cidade às mãos dos estranhos.”

Disse; e houve na ágora rumor. Pois foi do agrado
 aquela fala. E então ergueu-se novamente
 Hipsípíle, e foi tal a sua fala em resposta:
 “Se tal resolução é, pois, de agrado a todas, 700
 com toda pressa envio a mensageira à nau.”

E então a Ifínoe proferiu, perto postada:
 “Levanta, Ifínoe, e vai encontrar-se com o homem
 e traze-o até nós, quem lidere essa empresa,
 p’ra que lhe conte a amável decisão do povo; 705
 e se lhes for do agrado, invita-os a adentrar
 amigáveis, sem medo, em nossa terra e pólis”.

Assim, findou o encontro e partiu para o lar.
 Também partiu aos Míniás Ifínoe; e a ela
 interrogavam eles a intenção da vinda. 710
 A tanto respondeu com tal fala e relato:
 “Até aqui me enviou a filha de Toante,
 Hipsípíle, a chamar da nau quem seja o líder,
 p’ra que lhe conte a amável decisão do povo;
 e se a vós for do agrado, invita-os a adentrar 715
 amigáveis, sem medo, em nossa terra e pólis”.

Assim falou, causando agrado o bom discurso.
 Supuseram que, morto Toante, a filha Hipsípíle
 teria herdado o trono e reinava; com pressa
 mandaram Jasão, e eles mesmos se aprontaram. 720

Prendeu nos ombros, obra da deusa Tritônia,
 o ambifácio e purpúreo manto, dado a ele
 por Palas, iniciada a construção da Argo,

quando ouviu dela como medir os seus bancos.
 Seria até mais fácil levantar os olhos 725
 ao sol, que contemplar tamanho enrubescer.
 Pois era rubro ao centro, mas todas as bordas
 eram purpúreas; tendo ainda cada margem
 galantes ornamentos bordados co' engenho.
 Viam-se ali os Ciclopes em labor eterno, 730
 forjando o raio para Zeus supremo; agora
 quase todo fulgente, um só facho faltava,
 que estava a ser forjado em marteladas férreas,
 cuspidando um fumo tórrido o faustoso fogo.
 Via-se ali também a progênie de Antíope 735
 Asópida: Anfíon e Zeto; e Tebas próxima
 inda indefesa, cuja fundação fixavam
 dispostos. Sobre o ombro Zeto carregava
 o pico de um abrupto monte, como obreiro;
 com ele Anfíon, co' áurea fórmige cantando, 740
 e atrás tal rocha que dobrava o seu tamanho.
 Depois, havia Citereia em grossas comas
 portando de Ares o ágil escudo; e do ombro
 esquerdo as dobras do seu manto deslizavam
 por debaixo do seio; isso se via nítido 745
 também no escudo brônzeo que ela tinha à frente.
 Viu-se um espesso campo de vacas; por elas
 os Teléboas lutavam contra os Electridas;
 uns defendiam-nas, e os outros, bandos Táfios,
 furtá-las intentavam; de cruor cobriam-se 750
 os campos; e arrasavam-se os poucos pastores.
 E ainda havia duas bigas em combate.
 À frente Pélops guiava e agitava as rédeas
 e ao seu lado, como passageira, Hipodâmia;
 755
 Mirtilo ia no encalço urgindo seus cavalos;
 e com ele Enomau, que alçava à mão a lança
 e caía ao quebrar-se o eixo do seu carro
 tão prestes a varar de Pélops o dorso.

E havia o miúdo Febo Apolo, que flechava
quem pelo véu queria arrastar sua mãe; 760
este era o grande Tício, de Elara nascido,
mas criado e renascido pela deusa Gaia.

E também Frixo, o Mínio, como que se ouvisse
o carneiro, tal como se este discorresse.
Tu calarias vendo-os, a alma burlarias, 765
terias a esperança de ouvir falas sábias,
e longo tempo os olharias co' esperança.

Eram tais os presentes da Tritônia Atena.
E ele tomou na destra o dardo, que Atalanta
um dia deu-lhe como lembrança em Menalo, 770
encontrando-o animada; ansiava, pois, segui-lo
na jornada; mas ele mesmo a proibira,
temeroso das duras querelas do amor.

E ele foi até a pólis, qual fulgente estrela
que, das janelas de seus novos aposentos 775
as jovens noivas veem ascender na noite,
e que pelo ar escuro seus olhos encanta
em belo enrubescer; e a dama então se alegra
saudosa do homem que entre estranhos foi viver,
a quem seus pais para noivar a mantiveram; 780
de tal modo rumava o herói até a pólis.

E quando as portas dessa pólis adentrou,
seguiram-no as mulheres dali em dilúvio,
alegres com o estranho; mas co' os olhos fixos
no chão, e indiferente seguiu até o paço 785
de Hipsípile; ao chegar, várias servas abriram
o portão duplo, em tábuas bem feitas disposto.

Ifínoe, tendo um belo pórtico passado,
o acomodou por sobre um luxuoso assento
frente à senhora; e ela, olhando-o de relance, 790
corou a face virginal; no entanto, embora
tímida, dirigiu-lhe palavras amenas:
“Estranho, por que tanto tempo demoraram
p'ra lá dos muros? Não há homens na cidade,

795
pois foram, peregrinos, a lavrar os campos
da terra Trácia. E contarei, sincera, todos
os nossos infortúnios, p'ra que vós saibais.
Quando meu pai Toante governava o povo,
os lares Trácios que existiam do outro lado
eram pilhados pelos nossos, que desciam 800
das naus, e infindas moças de lá carregavam
e espólios; o rancor destrutivo da deusa
Cípris cumpria-se, lançando-os à imprudência.
Pois repugnavam as legítimas esposas,
insanos, expulsando as mulheres das casas 805
e possuindo as cativas, espólios da lança,
desgraçados! Por quanto tempo suportamos
a ver se as mentes mudariam; mas em dobro
sobrevinham os maus tormentos. Desonravam
os filhos nos salões, criando raça umbrosa. 810
Assim, virgens incólumes e mães viúvas,
abandonadas, pela cidade vagavam.
E um pai tão pouco amor cedia à sua filha,
mesmo se atormentada diante de seus olhos
sob mãos de uma cruel madrasta; e nem os filhos 815
defendiam, como antes, as mães de injustiças;
e nem irmão co' a irmã se importava sincero.
Mas eram as donzelas cativas, nas casas,
nas danças, na ágora, em banquetes, admiradas;
até que um deus em nós inflou violenta audácia, 820
p'ra não mais receber nos muros quem voltasse
da Trácia, para que julgassem o que é justo,
ou para outro lugar partissem co' as cativas.
Tendo implorado, então, pelos seus filhos homens
que na pólis estavam, retornaram aonde 825
ainda estão, os campos nevados da Trácia.
Ficai aqui para morar; se vos agrada
permanecer, assim te dignaria com
a distinção de Toante, meu pai. Eu não creio

que vás a terra escarnecer, pois é mais fértil 830
que as outras tantas ilhas que existem no Egeu.
Pois vai agora à nau e diz aos companheiros
estas palavras, e da pólis não te ausentes.”
Falou, dissimulando a matança ocorrida
aos homens; e isso foi o que ele respondeu: 835
“Aceitaríamos, Hipsípile, tua ajuda,
que a nós regalias e da qual necessitamos.
Retornarei à pólis quando em ordem tudo
eu relatar. Que a ti pertença a primazia
e a ilha; isso declino, mas não por desdém, 840
e sim pelos labores graves que me impelem.”
Disse, tocou sua mão direita e se voltou
em seguida; incontáveis moças ao redor
circundavam alegres, até que passasse
os portões. E com bons vagões foram à costa 845
carregando abundantes presentes enquanto
ele contava em mínimos detalhes toda
a proposta então feita a ele por Hipsípile;
e, logo, facilmente levaram os homens
p’ra entretê-los. Pois Cípris verteu-lhes paixões, 850
graças a Hefesto plurisagaz, p’ra que um dia
possa de novo Lemnos ser lar para os homens.
E ao palácio real de Hipsípile rumou
o Esônida; os demais foram aonde quiseram,
a não ser Hércules, que junto à nau ficou 855
por sua escolha com poucos escolhidos sócios.
E a cidade alegrou-se com danças, banquetes,
enchendo-se com fumos sacrificiais;
mais que outros imortais ao filho ilustre de Hera
e a Cípris com cantos e imolações rezavam. 860
Assim, dia após dia, atrasava-se o passo
da jornada; e mais longo tempo ficariam,
se Hércules não tivesse apartado os consortes
das mulheres, dizendo a eles tais censuras:
“Malditos, nos tomou a morte de um parente 865

de nossa terra mãe? Ou p'ra arranjar noivados
viemos p'ra cá, deixando lá nossas mulheres?
Agrada aqui morar e arar campos de Lemnos?
Pois poucos louros colheremos se ficarmos
com tais exóticas mulheres. Nenhum deus 870
concederá por nossas preces velo autômato.
Que volte, então, cada um por si; e sobre o leito
de Hipsípile p'ra sempre o deixai, 'té que Lemnos
povoe com garotos, alcançando-o a glória.”

Ralhou assim co' bando; olhar nenhum se ergueu 875
a ele e nem palavra alguma, oposta, ouviu-se;
assim, saindo da assembleia se aprontaram
com pressa. As moças vinham correndo, ao sabê-lo.
E como abelhas zunzunindo sobre belos
lírios, fluindo da pétrea colmeia, e os campos 880
do entorno deleitando, em voo colhendo os doces
frutos de lá e de cá; assim essas mulheres
lamentavam-se em fluxos circundando os homens,
e com mãos e palavras saudaram a todos,
rogando aos deuses que tivessem bom retorno. 885
Também Hipsípile rogou, tomando as mãos
do Esônida, e vertendo lágrimas à perda:

“Vá, e que permitam teu retorno ileso os deuses
co' os consortes, levando ao rei dourado velo
como tu queres e desejas. Esta ilha 890
e o cetro de meu pai sempre estarão à espera,
se acaso aqui voltar quiseres, no retorno.
Congregarias, fácil, povo inumerável
de outras cidades; mas esse desejo tu
não terás, nem eu mesma prevejo tal fim. 895
Lembra de Hipsípile, ao partir ou retornar;
uma palavra deixa, e cumprirei qualquer
dever, se um filho teu os deuses me trouxerem.”

Com comoção, o filho de Esão respondeu:
“Hipsípile, que obtenhas grandes benefícios 900
por diva graça e que de mim guardes mais altas

opiniões; me basta estar em minha terra,
cedendo-o Pélias; oxalá os trabalhos findem!
Mas se é meu fado longe navegar, sem volta
à Hélade, e tu deres à luz um garoto, 905
quando crescido expedo-o p'ra Pelasga Iolcos
p'ra de meus pais curar o sofrimento, caso
encontre-os inda vivos e, livres do rei,
que deles cuide no calor de sua casa.”
Foi para a nau, então, em primeiro lugar; 910
seguiram-no os demais heróis, tomando os remos
e os assentos em linha; e Argos desatou
a amarradura do rochoso banco. Então
batiam n'água manejando os longos remos.

ΑΡΓΟΝΑΥΤΙΚΩΝ A.605-914

τοῖσιν δ' αὐτῆμαρ μὲν ἄεν καὶ ἐπὶ κνέφας οὖρος 605
πάγχυ μάλ' ἀκραῆς, τετάνυστο δὲ λαίφεα νηός·
αὐτὰρ ἄμ' ἡλίιοιο βολαῖς ἀνέμοιο λιπόντος,
εἶρεσίη κραναὴν Σιντηίδα νῆσον ἴκοντο.
Ἔνθ' ἄμυδις πᾶς δῆμος ὑπερβασίησι γυναικῶν
νηλειῶς δέδμητο παροιχομένω λυκάβαντι. 610
δὴ γὰρ κουριδίας μὲν ἀπηνήναντο γυναῖκας
ἄνερες ἐχθήραντες, ἔχον δ' ἐπὶ ληιάδεσσι
τρηχὺν ἔρον, ἃς αὐτοὶ ἀγίνεον ἀντιπέρηθεν
Θρηκίην δηοῦντες· ἐπεὶ χόλος αἰνὸς ὄπαζε
Κύπριδος, οὐνεκά μιν γεράων ἐπὶ δηρὸν ἄτισσαν. 615
ὦ μέλαι ζήλοιό τ' ἐπισμυγερώς ἀκόρητοι·
οὐκ οἶον σὺν τῆσιν ἐοὺς ἔρραισαν ἀκοίτας
ἀμφ' εὐνή, πᾶν δ' ἄρσεν ὁμοῦ γένος, ὡς κεν ὀπίσσω
μή τινα λευγαλέιο φόνου τείσειαν ἀμοιβήν.
οἷη δ' ἐκ πασέων γεραροῦ περιφείσατο πατρός 620
Ἵψιπύλεια Θόαντος, ὃ δὴ κατὰ δῆμον ἄνασσε,
λάρνακι δ' ἐν κοίλῃ μιν ὑπερθ' ἄλὸς ἦκε φέρεσθαι,
αἶ κε φύγη. καὶ τὸν μὲν ἐς Οἰνοίην ἐρύσαντο

| | |
|---|-----|
| (πρόσθεν, ἀτὰρ Σίκινόν γε μεθύστερον αὐδηθεῖσαν) | |
| νῆσον ἐπακτῆρες (Σικίνου ἄπο, τόν ῥα Θόαντι νηιάς Οἰνοίη νύμφη τέκεν εὐνηθεῖσα)· | 625 |
| τῆσι δὲ βουκόλιαί τε βοῶν χάλκειά τε δύνειν τεύχεα πυροφόρους τε διατμήξασθαι ἀρούρας ῥήτερον πάσησιν Ἀθηναίης πέλεν ἔργων, | |
| οἷς αἰεὶ τὸ πάροιθεν ὀμίλειον. ἀλλὰ γὰρ ἔμπης | 630 |
| ἦ θαμὰ δὴ πάπταινον ἐπὶ πλατὺν ὄμμασι πόντον δείματι λευγαλέω ὁπότε Θρήικες ἴασι· | |
| τῷ καὶ ὄτ' ἐγγύθι νήσου ἐρεσσομένην ἴδον Ἀργῷ, αὐτίκα πασσυδίη πυλέων ἔκτοσθε Μυρίνης | |
| δήια τεύχεα δῦσαι ἐς αἰγιαλὸν προχέοντο, | 635 |
| Θυιάσιν ὠμοβόροις ἴκελαι, φάν γάρ που ἰκάνειν Θρήικας· ἢ δ' ἅμα τῆσι Θεοαντιάς Ὑψιπύλεια δύν' ἐνὶ τεύχεσι πατρός. ἀμηχανίη δ' ἔσχοντο ἄφθογγοι, τοῖόν σφιν ἐπὶ δέος ἠωρεῖτο. | |
| Τείως δ' αὐτ' ἐκ νηὸς ἀριστῆες προέηκαν | 640 |
| Αἰθαλίδην κήρυκα θεόν, τῷπέρ τε μέλεσθαι ἀγγελίας καὶ σκῆπτρον ἐπέτραπον Ἑρμείαο σφωιτέροιο τοκῆος, ὃ οἱ μνήστιν πόρε πάντων ἄφθιτον· οὐδ' ἔτι νῦν περ ἀποιχομένου Ἀχέροντος | |
| | 645 |
| δίνας ἀπροφάτους ψυχὴν ἐπιδέδρομε λήθη· ἀλλ' ἦγ' ἔμπεδον αἰὲν ἀμειβομένη μεμόρηται, ἄλλοθ' ὑποχθονίοις ἐναρίθμιος, ἄλλοτ' ἐς αὐγὰς ἡελίου ζωοῖσι μετ' ἀνδράσιν – ἀλλὰ τί μύθους Αἰθαλίδεω χρειώ με διηνεκέως ἀγορεύειν; | |
| ὅς ῥα τόθ' Ὑψιπύλην μελίζατο δέχθαι ἰόντας | 650 |
| ἦματος ἀνομένοιο διὰ κνέφας. οὐδὲ μὲν ἠοῖ πείσματα νηὸς ἔλυσαν ἐπὶ πνοιῇ βορέαο. Λημνιάδες δὲ γυναῖκες ἀνὰ πτόλιν ἴζον ἰούσαι εἰς ἀγορήν, αὐτὴ γὰρ ἐπέφραδεν Ὑψιπύλεια. καὶ ῥ' ὅτε δὴ μάλα πᾶσαι ὀμιλαδὸν ἠγερέθοντο, | |
| αὐτίκ' ἄρ' ἦγ' ἐνὶ τῆσιν ἐποτρύνουσ' ἀγόρευεν· | 655 |
| ᾠ φίλαι, εἰ δ' ἄγε δὴ μενοεικέα δῶρα πόρωμεν ἀνδράσιν, οἷά τ' ἔοικεν ἄγειν ἐπὶ νηὸς ἔχοντας, | |

ἦια καὶ μέθυ λαρόν, ἴν' ἔμπεδον ἔκτοθι πύργων
 μίμνοιεν, μηδ' ἄμμε κατὰ χρεῖω μεθέποντες 660
 ἀτρεκέως γνώωσι, κακὴ δ' ἐπὶ πολλὸν ἴκηται
 βάξις, ἐπεὶ μέγα ἔργον ἐρέξαμεν· οὐδέ τι πάμπαν
 θυμηδὲς καὶ τοῖσι τόγ' ἔσσεται εἴ κε δαεῖεν.
 ἡμετέρη μὲν νῦν τοίη παρενήνοθε μῆτις·
 ὑμέων δ' εἴ τις ἄρειον ἔπος μητίσεται ἄλλη, 665
 εἰρέσθω· τοῦ γάρ τε καὶ εἴνεκα δεῦρο κάλεσσα."
 Ὡς ἄρ' ἔφη, καὶ θῶκον ἐφίζανε πατρὸς ἑοῖο
 λάινον. αὐτὰρ ἔπειτα φίλη τροφὸς ὦρτο Πολυξῶ.
 γῆραὶ δὴ ῥικνοῖσιν ἐπισκάζουσα πόδεσσιν,
 βάκτρῳ ἐρειδομένη, πέρι δὲ μενέαιν' ἀγορευσαί· 670
 τῆ καὶ παρθενικαὶ πίσυρες σχεδὸν ἐδριόωντο
 ἀδμήτες, λευκῆσιν ἐπιχνοάουσαι ἐθείραις.
 στῆ δ' ἄρ' ἐνὶ μέσση ἀγορῇ, ἀνὰ δ' ἔσχεθε δειρήν
 ἦκα μόλις κυφοῖο μεταφρένου, ὧδέ τ' ἔειπεν·
 "Δῶρα μὲν, ὡς αὐτῆ περ ἐφاندάνει Ὑψιπυλείη, 675
 πέμπωμεν ξείνοισιν, ἐπεὶ καὶ ἄρειον ὀπάσσαί·
 ὕμμι γε μὴν τίς μῆτις ἐπαυρέσθαι βιότοιο,
 αἴ κεν ἐπιβρίση Θρήξ στρατὸς ἠὲ τις ἄλλος
 δυσμενέων, ἃ τε πολλὰ μετ' ἀνθρώποισι πέλονται,
 ὡς καὶ νῦν ὄδ' ὄμιλος ἀνωίστως ἐφικάνει; 680
 εἰ δὲ τὸ μὲν μακάρων τις ἀποτρέποι, ἄλλα δ' ὀπίσω
 μυρία δημοτῆτος ὑπέρτερα πῆματα μίμνει.
 εὖτ' ἂν δὴ γεραραὶ μὲν ἀποφθινύθωσι γυναῖκες,
 κουρότεραι δ' ἄγονοι στυγερόν ποτὶ γῆρας ἴκησθε,
 πῶς τῆμος βώσεσθε, δυσάμμοροι; ἦε βαθείαις 685
 αὐτόματοι βόες ὕμμιν ἐνιζευχθέντες ἀρούραις
 γειοτόμον νειοῖο διειρύσσουσιν ἄροτρον,
 καὶ πρόκα τελλομένου ἔτεος στάχυν ἀμήσονται;
 ἦ μὲν ἐγών, εἰ καὶ με τὰ νῦν ἔτι πεφρίκασιν
 Κῆρες, ἐπερχόμενόν που οἴομαι εἰς ἔτος ἦδη 690
 γαῖαν ἐφέσσεσθαι, κτερέων ἀπὸ μοῖραν ἐλοῦσα
 αὐτως ἦ θέμις ἐστί, πάρος κακότητι πελάσσαί·
 ὀπλοτέρησι δὲ πάγχυ τάδε φράζεσθαι ἄνωγα.
 νῦν γὰρ δὴ παρὰ ποσσὶν ἐπήβολός ἐστ' ἄλεωρή,

| | |
|---|-----|
| | 695 |
| εἴ κεν ἐπιτρέψητε δόμους καὶ ληίδα πᾶσαν ὕμετέρην ξείνοισι καὶ ἀγλαὸν ἄστυ μέλεσθαι." | |
| ἼΩς ἔφατ'· ἐν δ' ἀγορῇ πλήτο θρόου, εὐάδε γάρ σφιν μῦθος· ἀτὰρ μετὰ τήνγε παρασχεδὸν αὐτίς ἀνώρτο Ἵψιπύλη, καὶ τοῖον ὑποβλήδην ἔπος ἠΐδα· | |
| "Εἰ μὲν δὴ πάσησιν ἐφاندάνει ἦδε μενοιή, ἦδη κεν μετὰ νῆα καὶ ἄγγελον ὀτρύναιμι." | 700 |
| ἼΗ ῥα, καὶ ἀμφίπολον μετεφώνεεν ἄσσον ἐοῦσαν· "Ὅρσο μοι, Ἴφινόη, τοῦδ' ἀνέρος ἀντιώσω ἡμέτερόνδε μολεῖν ὅστις στόλου ἡγεμονεύει, ὄφρα τί οἱ δήμοιο ἔπος θυμηδὲς ἐνίσπω· | 705 |
| καὶ δ' αὐτοὺς γαίης τε καὶ ἄστεος, αἴ κ' ἐθέλωσι, κέκλεο θαρσαλέως ἐπιβαινέμεν εὐμενέοντας." | |
| ἼΗ, καὶ ἔλυσ' ἀγορῆν· μετὰ δ' εἰς ἐὸν ὤρτο νέεσθαι. ὣς δὲ καὶ Ἴφινόη Μινύας ἴκεθ'· οἱ δ' ἐρέεινον χρεῖος ὅ τι φρονέουσα μετήλυθεν. ὦκα δὲ τούσγε | 710 |
| πασσυδίη μύθοισι προσέννεπεν ἐξερέοντας· "Κούρη τοί μ' ἐφέηκε Θοαντιάς ἐνθάδ' ἰοῦσαν Ἵψιπύλη καλέειν νηὸς πρόμον ὅστις ὄρωρεν, ὄφρα τί οἱ δήμοιο ἔπος θυμηδὲς ἐνίσπη· | |
| καὶ δ' αὐτοὺς γαίης τε καὶ ἄστεος, αἴ κ' ἐθέλητε, κέκλεται αὐτίκα νῦν ἐπιβαινέμεν εὐμενέοντας." | 715 |
| ἼΩς ἄρ' ἔφη, πάντεσσι δ' ἐναΐσιμος ἦνδανε μῦθος· Ἵψιπύλην δ' εἶσαντο καταφθιμένοιο Θόαντος τηλυγέτην γεγαυῖαν ἀνασσέμεν. ὦκα δὲ τόνγε πέμπον ἴμεν, καὶ δ' αὐτοὶ ἐπεντύνοντο νέεσθαι. | 720 |
| Αὐτὰρ ὄγ' ἀμφ' ὤμοισι, θεᾶς Ἴτωνίδος ἔργον, δίπλακα πορφυρέην περονήσατο, τήν οἱ ὄπασσε Παλλάς, ὅτε πρῶτον δρυόχους ἐπεβάλλετο νηὸς Ἄργους, καὶ κανόνεσσι δάε ζυγὰ μετρήσασθαι. | |
| τῆς μὲν ῥηίτερόν κεν ἐς ἠέλιον ἀνιόντα ὅσσε βάλοις ἢ κείνο μεταβλέψειας ἔρευθος· δὴ γάρ τοι μέσση μὲν ἐρευθήεσσα τέτυκτο· ἄκρα δὲ πορφυρέη πάντη πέλεν, ἐν δ' ἄρ' ἐκάστῳ τέρματι δαίδαλα πολλὰ διακριδὸν εὖ ἐπέπαστο. | 725 |

- Ἐν μὲν ἔσαν Κύκλωπες ἐπ' ἀφθίτῳ ἡμμένοι ἔργῳ, 730
 Ζηνὶ κεραυνὸν ἄνακτι πονεύμενοι· ὅς τόνον ἤδη
 παμφαίνων ἐτέτυκτο, μίης δ' ἔτι δεύετο μούνον
 ἀκτῖνος· τὴν οἶγε σιδηρείης ἐλάασκον
 σφύρησιν, μαλεροῖο πυρὸς ζείουσαν αὐτμήν.
 Ἐν δ' ἔσαν Ἀντιόπης Ἀσωπίδος υἱέε δοιῶ, 735
 Ἀμφίων καὶ Ζῆθος, ἀπύργωτος δ' ἔτι Θήβη
 κείτο πέλας· τῆς οἶγε νέον βάλλοντο δομαίους
 ἰέμενοι· Ζῆθος μὲν ἐπωμαδὸν ἤέρταζεν
 οὔρεος ἠλιβάτοιο κάρη, μογέοντι ἑοικώς·
 Ἀμφίων δ' ἐπὶ οἱ χρυσέη φόρμιγγι λιγαίνων 740
 ἦε, δις τόσση δὲ μετ' ἴχνια νίσσετο πέτρη.
 Ἐξείης δ' ἤσκητο βαθυπλόκαμος Κυθήρεια
 Ἄρεος ὀχμάζουσα θεὸν σάκος, ἐκ δὲ οἱ ὤμου
 πῆχυν ἐπι σκαιὸν ξυνοχὴ κεχάλαστο χιτῶνος 745
- νέρθε παρέκ μαζοῖο· τὸ δ' ἀντίον ἀτρεκέες αὐτῶς
 χαλκείη δεικῆλον ἐν ἀσπίδι φαίνεται' ἰδέσθαι.
 Ἐν δὲ βοῶν ἔσκεν λάσιος νομός, ἀμφὶ δὲ τῆσιν
 Τηλεβόαι μάρναντο καὶ υἱέες Ἥλεκτρύωνος,
 οἱ μὲν ἀμνυόμενοι, ἀτὰρ οἶγ' ἐθέλοντες ἀμέρσαι, 750
 ληισταὶ Τάφιοι· τῶν δ' αἶματι δεύετο λειμῶν
 ἐρσήεις, πολέες δ' ὀλίγους βιόωντο νομῆας.
 Ἐν δὲ δύω δίφροι πεπονῆατο δηριόωντε·
 καὶ τοῦ μὲν προπάροιθε Πέλοψ ἴθυνε τινάσσω
 ἠνία, σὺν δὲ οἱ ἔσκε παραιβάτις Ἴπποδάμεια· 755
 τοῦ δὲ μεταδρομάδην ἐπὶ Μυρτίλος ἦλαεν ἵππους,
 σὺν τῷ δ' Οἰνόμαος, προτενὲς δόρυ χειρὶ μεμαρπῶς,
 ἄξονος ἐν πλήμνησι παρακλιδὸν ἀγνυμένοιο
 πῖπτεν, ἐπεσσύμενος Πελοπήια νῶτα δαΐξαι.
 Ἐν καὶ Ἀπόλλων Φοῖβος οἰστεύων ἐτέτυκτο, 760
 βούπαις, οὐπῶ πολλός, ἐὴν ἐρύοντα καλύπτρης
 μητέρα θαρσαλέως Τιτυὸν μέγαν, ὃν ῥ' ἔτεκέν γε
 δι' Ἐλάρη, θρέψεν δὲ καὶ ἄψ ἐλοχεύσατο Γαῖα.
 Ἐν καὶ Φρίξος ἔην Μινυήιος, ὡς ἔτεόν περ
 εἰσαῖων κριοῦ, ὃ δ' ἄρ' ἐξενέποντι ἑοικώς.

κείνους κ' εἰσορών ἀκέοις ψεύδοιό τε θυμόν, 765
 ἔλπόμενος πυκινὴν τιν' ἀπὸ σφείων ἔσακοῦσαι
 βάξιν, ὃ καὶ δηρὸν περιπορπίδα θηήσαιο.
 Τοῖ' ἄρα δῶρα θεᾶς Ἴτωνίδος ἦεν Ἀθήνης·
 δεξιτερῇ δ' ἔλεν ἔγχος ἐκηβόλον, ὃ ῥ' Ἀταλάντη 770
 Μαινάλῳ ἔν ποτέ οἱ ξεινήιον ἐγγυάλιξε,
 πρόφρων ἀντομένη, πέρι γὰρ μενέαινεν ἔπεσθαι
 τὴν ὁδόν· ἀλλ', ὅσον αὐτὸς ἐκῶν, ἀπερήτυε κούρην,
 δεῖσε γὰρ ἀργαλέας ἔριδας φιλότητος ἔκητι.
 Βῆ δ' ἴμεναι προτὶ ἄστυ, φαινωῖ ἀστέρι ἴσος, 775
 ὄν ῥά τε νηγατέησιν ἐεργόμεναι καλύβησιν
 νύμφαι θηήσαντο δόμων ὑπερ ἀντέλλοντα,
 καὶ σφισι κυανέοιο δι' αἰθέρος ὄμματα θέλγει
 κὰλὸν ἐρευθόμενος, γάνυται δέ τε ἠιθέοιο
 παρθένος ἰμείρουσα μετ' ἄλλοδαποῖσιν ἐόντος 780
 ἀνδράσιν, ὦ κέν μιν μνηστήν κομέωσι τοκῆς –
 τῷ ἴκελος προπόλοιο κατὰ στίβον ἦεν ἤρωσ·
 καὶ ῥ' ὅτε δὴ πυλέων τε καὶ ἄστεος ἐντὸς ἔβησαν,
 δημότεραι μὲν ὄπισθεν ἐπεκλονέοντο γυναῖκες
 γηθόσυναι ξείνω· ὃ δ' ἐπὶ χθονὸς ὄμματ' ἐρείσας 785
 νίσσεται ἀπηλεγέως, ὄφρ' ἀγλαὰ δώμαθ' ἴκανε
 Ὑψιπύλης· ἄνεσαν δὲ θύρας προφανέντι θεράπναι
 δικλίδας, εὐτύκτοισιν ἀρηρεμένας σανίδεσσιν·
 ἔνθα μιν Ἴφινόη κλισμῷ ἐνὶ παμφανώννῃ
 ἔσσυμένως καλῆς διὰ παστάδος εἶσεν ἄγουσα 790
 ἀντία δεσποίνης· ἡ δ' ἐγκλιδὸν ὅσσε βαλοῦσα
 παρθενικὴ ἐρύθηνε παρηίδας· ἔμπα δὲ τόνγε
 αἰδομένη μῦθοισι προσέννεπεν αἰμυλίοισιν·
 "Ξεῖνε, τίη μίμνοντες ἐπὶ χρόνον ἔκτοθι πύργων
 ἦσθ' αὐτῶς; ἐπεὶ οὐ μὲν ὑπ' ἀνδράσι ναίεται ἄστυ, 795
 ἀλλὰ Θρηκίης ἐπινάστιοι ἠπεῖροιο
 πυροφόρους ἀρόωσι γύας· κακότητα δὲ πᾶσαν
 ἐξερέω νημερτές, ἴν' εὐ γνοίητε καὶ αὐτοί.
 εὔτε Θόας ἀστοῖσι πατήρ ἐμὸς ἐμβασίλευε,
 τηνίκα Θρηκίους οἳ τ' ἀντία ναιετάουσι

| | |
|---|------------|
| <p>Λήμνου άπορνύμενοι λαοί πέρθεσκον έναύλους έκ νηών, αύτήσι δ' άπέίρονα ληίδα κούραις δεϋρ' άγον. ούλομένη δέ θεάς πορσύνετο μήνις Κύπριδος, ή τέ σφιν θυμοφθόρον έμβαλεν άτην· δή γάρ κουριδίας μέν άπέστυγον έκ τε μελάθρων</p> | <p>800</p> |
| <p>ή ματίη είξαντες άπεσσεύοντο γυνάϊκας, αύτάρ ληιάδεσσι δορικτήταις παρίαυον, σχέτλιοι. ή μέν δηρόν έτέτλαμεν, εί κέ ποτ' αύτις όψέ μεταστρέψωσι νόον· τό δέ διπλόον αίεί πήμα κακόν προύβαιεν. άτιμάζοντο δέ τέκνα γνήσι' ενί μεγάροις, σκοτίη δ' άρα θάλλε γενέθλη·</p> | <p>805</p> |
| <p>αύτως δ' άδμήτες κούραι, χήραϊ τ' έπί τήσι μητέρες, άμ πτολίεθρον άτημελέες άλάληντο· ούδέ πατήρ όλίγον περ έής άλέγιζε θυγατρός, εί και έν όφθαλμοίσι δαϊζομένην όρόωτο μητριής υπό χερσίν άτασθάλου· ουδ' άπό μητρός</p> | <p>810</p> |
| <p>λώβην ώς τό πάροιθεν άεικέα παίδες άμυνον, ούδέ κασιγνήτοιςι κασιγνήτη μέλε θυμώ· άλλ' οίαι κούραι ληίτιδες έν τε δόμοισιν έν τε χοροίς άγορη τε και είλαπίνησι μέλοντο, είσόκε τις θεός άμμιν ύπέρβιον έμβαλε θάρσος,</p> | <p>815</p> |
| <p>άψ άναερχομένους Θρηκών άπο μηκέτι πύργοις δέχθαι, ίν' ή φρονόοιεν άπερ θέμις, ήέ πη άλλη αύταις ληιάδεσσιν άφορμηθέντες ίκοιντο. οί δ' άρα θεσσάμενοι παίδων γένος όσσον έλειπτο άρσεν άνά πτολίεθρον, έβαν πάλιν ένθ' έτι νϋν περ</p> | <p>820</p> |
| <p>Θρηκικής άροσιν χιονώδεα τναιετάουσιν. τώ ύμεις στρωφάσθ' έπιδήμιοι· εί δέ κεν αύθι ναιετάειν έθέλοις και τοι άδοι, ή τ' άν έπειτα πατρός έμείο Θόαντος έχοις γέρας· ουδέ σ' όίω γαϊαν όνόσσεσθαι, περι γάρ βαθυλήιος άλλων</p> | <p>825</p> |
| <p>νήσων Αϊγαίη όσαι ειν άλι ναιετάουσιν. άλλ' άγε νϋν έπί νηα κιών έτάροισιν ένίσπες μύθους ήμετέρους, μηδ' έκτοθι μίμνε πόληος.” ”Ισκεν, άμαλδύνουσα φόνου τέλος οίον έτύχθη άνδράσιν· αύτάρ ό τήνγε παραβλήδην προσέειπεν·</p> | <p>830</p> |
| | <p>835</p> |

“Υψιπύλη, μάλα κεν θυμηδέος ἀντιάσαιμεν
 χρημοσύνης ἦν ἄμμι σέθεν χατέουσιν ὀπάζεις.
 εἶμι δ' ὑπότροπος αὐτίς ἀνὰ πτόλιν, εὖτ' ἂν ἕκαστα
 ἐξείπω κατὰ κόσμον. ἀνακτορὴ δὲ μελέσθω
 σοίγ' αὐτῇ καὶ νῆσος· ἔγωγε μὲν οὐκ ἀθερίζων 840
 χάζομαι, ἀλλὰ με λυγροὶ ἐπισπέρχουσιν ἄεθλοι.”
 Ἦ, καὶ δεξιτερῆς χειρὸς θίγεν, αἶψα δ' ὀπίσσω
 βῆ ῥ' ἴμεν· ἀμφὶ δὲ τόνγε νεήνιδες ἄλλοθεν ἄλλαι
 μυρίαὶ εἰλίσσοντο κεχαρμέναι, ὄφρα πυλάων
 845
 ἐξέμολεν. μετέπειτα δ' εὐτροχάλοισιν ἀμάξαις
 ἄκτῆν εἰσανέβαν ξεινήια πολλὰ φέρουσαι,
 μῦθον ὅτ' ἤδη πάντα διηνεκέως ἀγόρευσε
 τὸν ῥα καλεσσαμένη διεπέφραδεν Ὑψιπύλεια·
 καὶ δ' αὐτοὺς ξεινοῦσθαι ἐπὶ σφεὰ δώματ' ἄγεσκον,
 850
 ῥηιδίως· Κύπρις γὰρ ἐπὶ γλυκὺν ἴμερον ὤρσεν,
 Ἥφαιστοιο χάριν πολυμήτιος, ὄφρα κεν αὐτίς
 ναίηται μετόπισθεν ἀκήρατος ἀνδράσι Λήμνος.
 ἔνθ' ὁ μὲν Ὑψιπύλης βασιλήιον ἐς δόμον ὤρτο
 Αἰσονίδης· οἱ δ' ἄλλοι ὄπη καὶ ἔκυρσαν ἕκαστος,
 855
 Ἥρακλῆος ἀνευθεν, ὁ γὰρ παρὰ νηὶ λέλειπτο
 αὐτὸς ἐκὼν παῦροί τε διακρινθέντες ἐταῖροι.
 αὐτίκα δ' ἄστυ χοροῖσι καὶ εἰλαπίνησι γεγήθει
 καπνῶ κνισήεντι περίπλεον· ἔξοχα δ' ἄλλων
 ἀθανάτων Ἥρης υἷα κλυτὸν ἠδὲ καὶ αὐτήν
 860
 Κύπριν ἀοιδῆσιν θυέεσσί τε μειλίσσοντο.
 Ἀμβολίη δ' εἰς ἡμαρ ἀεὶ ἐξ ἡματος ἦεν
 ναυτιλίας. δηρὸν δ' ἂν ἐλίνυον αὐθι μένοντες,
 εἰ μὴ ἀολίσσας ἐτάρους ἀπάνευθε γυναικῶν
 Ἥρακλῆς τοίοισιν ἐνιπτάζων μετέειπεν·
 865
 “Δαιμόνιοι, πάτρης ἐμφύλιον αἶμ' ἀποέργει
 ἡμέας, ἦε γάμων ἐπιδευέες ἐνθάδ' ἔβημεν
 κεῖθεν, ὄνοσσάμενοι πολιήτιδας, αὐθι δ' ἔαδεν
 ναίοντας λιπαρὴν ἄροσιν Λήμνοιο ταμέσθαι;
 οὐ μάλ' εὐκλειεῖς γε σὺν ὀθνεῖησι γυναιξίν
 870
 ἐσόμεθ' ὦδ' ἐπὶ δηρὸν ἐελμένοι, οὐδὲ τὸ κῶας

αὐτόματον δώσει τις ἐλεῖν θεὸς εὐξαμένοισιν.
 ἴομεν αὐτίς ἕκαστοι ἐπὶ σφεά· τὸν δ' ἐνὶ λέκτροις
 Ὑψιπύλης εἶατε πανήμερον, εἰσόκε Λῆμνον
 παισὶν ἐπανδρώση, μεγάλη τέ ἐ βάξις ἔχησιν."
 Ὡς νεῖκεσεν ὄμιλον· ἐναντία δ' οὐ νύ τις ἔτλη 875
 ὄμματ' ἀνασχεθέειν οὐδὲ προτιμυθήσασθαι,
 ἀλλ' αὐτως ἀγορήθεν ἐπαρτίζοντο νέεσθαι
 σπερχόμενοι. ταὶ δέ σφιν ἐπέδραμον, εὐτ' ἐδάησαν·
 ὡς δ' ὅτε λείρια καλὰ περιβρομέουσι μέλισσαι
 πέτρης ἐκχύμεναι σιμβληίδος, ἀμφὶ δὲ λειμῶν 880
 ἐρσήεις γάνυται, ταὶ δὲ γλυκὺν ἄλλοτ' ἐπ' ἄλλον
 καρπὸν ἀμέργουσιν πεποτημένοι – ὡς ἄρα ταίγε
 ἐνδυκὲς ἀνέρας ἀμφὶ κινυρόμεναι προχέοντο,
 χερσὶ δὲ καὶ μύθοισιν ἐδεικανόωντο ἕκαστον,
 εὐχόμεναι μακάρεσσιν ἀπήμονα νόστον ὀπάσσαι. 885
 ὡς δὲ καὶ Ὑψιπύλη ἠρήσατο, χεῖρας ἐλοῦσα
 Αἰσονίδεω, τὰ δὲ οἱ ῥέε δάκρυα χήτει ἰόντος·
 "Νίσσεο, καὶ σε θεοὶ σὺν ἀπηρέσιν αὐτίς ἐταίροις
 χρύσειον βασιλῆι δέρος κομίσειαν ἄγοντα,
 αὐτως ὡς ἐθέλεις καὶ τοι φίλον. ἦδε δὲ νῆσος 890
 σκῆπτρά τε πατρὸς ἐμείο παρέσσεται, ἦν καὶ ὀπίσσω
 δὴ ποτε νοστήσας ἐθέλης ἄψορρον ἰκέσθαι·
 ῥηιδίως δ' ἂν ἐοῖ καὶ ἀπείρονα λαὸν ἀγείραις
 ἄλλων ἐκ πολίων. ἀλλ' οὐ σύγε τήνδε μενοινήν 895
 σχήσεις, οὐτ' αὐτὴ προτιόσσομαι ὧδε τελείσθαι·
 μνώεο μὴν, ἀπεῶν περ ὁμῶς καὶ νόστιμος ἦδη,
 Ὑψιπύλης· λίπε δ' ἡμῖν ἔπος, τό κεν ἐξανύσαιμι
 πρόφρων, ἦν ἄρα δὴ με θεοὶ δώωσι τεκέσθαι."
 Τὴν δ' αὐτ' Αἴσονος υἱὸς ἀγαιόμενος προσέειπεν·
 "Ὑψιπύλη, τὰ μὲν οὕτω ἐναίσιμα πάντα γένοιτο 900
 ἐκ μακάρων· τύνη δ' ἐμέθεν πέρι θυμὸν ἀρείω
 ἴσχαν', ἐπεὶ πάτρην μοι ἄλις Πελίαο ἔκητι
 ναιετάειν· μούνον με θεοὶ λύσειαν ἀέθλων.
 εἰ δ' οὐ μοι πέπρωται ἐς Ἑλλάδα γαῖαν ἰκέσθαι
 τηλοῦ ἀναπλώνοντι, σὺ δ' ἄρσενά παιῖδα τέκηαι, 905
 πέμπε μιν ἠβήσαντα Πελασγίδος ἔνδον Ἴωλκοῦ

πατρί τ' ἐμῶ καὶ μητρὶ δύης ἄκος, ἦν ἄρα τούσγε
 τέτμη ἔτι ζῶοντας, ἴν' ἄνδιχα τοῖο ἄνακτος
 σφοῖσιν πορσύνωνται ἐφέστιοι ἐν μεγάροισιν."
 Ἥ, καὶ ἔβαιν' ἐπὶ νῆα παροίτατος. ὦς δὲ καὶ ἄλλοι
 βαῖνον ἀριστήες, λάζοντο δὲ χερσὶν ἔρετμά
 ἐνσχερῶ ἐζόμενοι· πρυμνήσια δέ σφισιν Ἄργος
 λῦσεν ὑπέκ πέτρης ἀλιμυρέος· ἔνθ' ἄρα τοίγε
 κόπτον ὕδωρ δολιχῆσιν ἐπικρατέως ἐλάτῃσι.

910

COMENTÁRIO

608. A chegada à ilha rochosa de Lemnos Síntia (pois os Síntios, de origem Trácia, eram os antigos habitantes da ilha de Lemnos) sucede uma série de dados geográficos mencionados pelo narrador. Tais dados compõem também uma das características de excelência “acadêmica” desse poeta Helenístico, observada aqui por Meyer, 2001, p. 219: “The courts of Alexander's successors offered the best access to geographical knowledge in the 3rd century B.C. (...) The geography of the Argonautica is inconceivable not only without Homer and Pindar but also without the geographical commentators of Homer and the authors of periploi and descriptions of the Earth”.

De modo resumido, podemos ver o périplo dos heróis, partindo da “milharada terra Pelasga” (v. 580), a partir das palavras de Meyer, 2001, p. 218, que de certo modo nos trazem o entendimento de como se dá esse trajeto: “The ‘geographical frame’ of the epic, as the voyage of the Argonauts may be called, parallels a periplous, the account of a voyage along extensive swaths of the Mediterranean and the Pontos. For navigation the sailors depend mainly on the coastline and its landmarks”.

O primeiro dia do périplo consiste na saída da nau da costa de Págasas através do Golfo Pelasgo, circundando a península que os separa do Egeu, tendo a ilha da Eubeia à direita, até avistarem a ilha de Escíato (v. 583) e, rumando um pouco ao norte, a longínqua cidade de Pirésia (v. 584) e a costa da Magnésia (v. 585). Acabam por ancorar nessa costa para passar a noite, fazendo sacrifícios a Dólope, herói ali enterrado (v. 585). Temos ainda uma informação etiológica com respeito à origem do nome da costa que ficou conhecida como Afetas (v. n. 591), e por fim os heróis passam pela costa de Melibeia (vv. 592-3).

No alvorecer, após passarem a noite na costa da Magnésia, os Argonautas seguem ao norte, avistando Hómola e o circundando, passando pela foz do rio Amiro (v. 595), pela cidade de Eurímenas e pelas fendas do monte Ossa (v. 596) e do Olimpo (v. 597). Após passarem pela ilha de Escíato, beiram o continente em direção ao norte, seguindo para o leste apenas ao estarem próximos o suficiente de Palene (v. 599), subpenínsula mais ocidental das três existentes na península da Calcídica. O promontório de

Canastra, citado logo em seguida, fica no limite extremo de Palene, por onde os Argonautas passaram velejando durante a noite.

Na manhã seguinte à passagem pelo promontório de Canastra os Argonautas avistam o monte Atos, que fica na subpenínsula de Acra, oposta à de Palene e, portanto, a mais oriental. Entre as duas há ainda a subpenínsula da Sitônia. Essa é a última porção de terra que o grupo avista antes de chegar à costa da cidade de Mirina, na ilha de Lemnos. Diz o texto que o monte Atos é tão grande que seu pico lança sombra sobre Mirina, mesmo a cidade estando a uma distância correspondente à que uma nau mercante viajaria em meio dia (v. 603). Até o crepúsculo o vento os carregou na direção de Lemnos. Com o cessar de seu sopro e o baixar do sol, os heróis chegaram à ilha utilizando os remos (v. 608).

620. **Ἵψιπύλεια**: Hipsípyle, filha de Toante, reina sobre Lemnos após ter assumido o poder como resultado do massacre dos homens da ilha em um episódio de ciúme e influência nefasta de Afrodite (cf. 1.609-32). Sua figura é crucial para a determinação de Jasão como um herói sedutor, antecipando traços que serão decisivos nos momentos do cumprimento de suas tarefas frente a Eetes, com o auxílio de Medeia, no canto terceiro. Beye, 1982, p. 92 (apud Mori, 2008, p. 104) ressalta o caráter erótico dos momentos que antecedem o encontro entre Jasão e Hipsípyle: “Dressed in his cloak, the proper amatory warrior, Jason advances in all his beauty upon the city, the palace, and finally, Hypsipyle”. Mori, no entanto, discorda da predominância da atmosfera erótica que paira sobre as habitantes de Lemnos quando acontece a chegada dos heróis (p. 110): “her [Hypsipyle’s] willingness to welcome the Argonauts is pragmatic, not erotic, and her rather utilitarian interest in Jason is patriotic at heart” (para discussões que aprofundam a questão, v. n. 722 e 774). Assumindo uma posição distinta, Hunter (1993, p. 49) lhe compara à figura odisséica da deusa Calípsos, e diz em seguida, quando faz uma comparação entre as cenas do encontro no palácio de Lemnos com o encontro entre Helena e Paris (Il. 3.421 ss.): “The ultimate conclusion of both scenes is love-making, as indeed both scenes illustrate the power of Aphrodite, and on Lemnos the goddess ‘had roused sweet desire in them, for the sake of Hephaistos, the god of many wiles, so that once again his island of Lemnos might be duly populated by men’ (1.850-2)”. Para uma discussão mais detalhada a respeito de como a figura de Hipsípyle antecipa o episódio de Medeia, cf. Hunter, 1993, pp. 47-51. Por fim, o episódio também parece ter servido de modelo, em alguma medida, para a composição do episódio entre Eneias e Dido na Eneida. Sobre isso, diz Bulloch, 2006, p. 48: “Vergil later based the encounter of Dido and Aeneas partially on this episode, but Apollonius’ text has none of his highly-charged emotion, either in the narrative of events or in the interchanges between Jason and Hypsipyle”.

636. **Θυιάσιν ὠμοβόροις ἴκελαι**: as Tíades são bacantes, ou seja, seguidoras do culto de Dioniso. Sobre essas personagens, cf. Eurípides, Bac. 1125-47.

639. **τοιὸν σφιν ἐπὶ δέος ἤωρεῖτο**: os escólios a 1.769 comentam que outras versões do mito relatam o travamento de uma batalha entre os argonautas e as mulheres de Lemnos.

648-9. um dos momentos de notável intromissão da voz narrativa, feita ao contar a história do mensageiro Etálida. De acordo com Morrison, 2007, p. 294, a curiosa exclamação do narrador (“Mas por que as lendas / de Etálida é preciso que eu conte integrais?”) demonstra principalmente o seu controle sobre a matéria narrada: “No Muses are needed”. Isso, além de torná-lo um tipo de narrador “confiante e autônomo”, ao mesmo tempo evita que ele cometa impiedades, narrando coisas de que não se deve falar (cf. principalmente os vv. 1.919 e 1.1220). Esse procedimento faz parte do que se acredita ser um percurso da autoconsciência narrativa, que aparece a partir do canto primeiro na voz de um narrador independente da influência das Musas, e que futuramente sucumbe às falhas da própria memória e recorre ao auxílio de Erato (canto 3) e de uma Musa não nomeada, a “filha de Zeus” do canto 4.

722. Uma das cenas-chave do canto primeiro das Argonáuticas é a descrição do manto de Jasão, retomando a convenção da ekphrasis. Apolônio parece utilizar como referências principais para a construção da cena a imagem do armamento de Agamêmnon antes de sua aristeia (Il. 11.15-46), a descrição do escudo de Aquiles (Il. 18.478-613) e o Scutum hesiódico (vv. 122-320). Hunter (1993, p. 53) ainda atenta para a relevância, como paralelo, do véu e da coroa criados por Atena e Hefesto e utilizados por Pandora (Hes. Theog. 573-84), já que também esses adornos, assim como o manto, ajudam a inspirar um “desejo perigoso”. A escolha de um objeto como o manto (tanto um ornamento como algo onde se possa dormir) contrasta notavelmente com os escudos de Homero e Hesíodo, já que explicita características de Jasão que são importantes para se entender o tipo de narrativa que estamos acompanhando (cf. Goldhill, 1991, p. 308), sendo contrapostas à excelência guerreira representada pelos objetos homéricos. Além disso, dentro do próprio manto a temática do amor é sensivelmente evocada (principalmente do amor explicitando seu caráter destrutivo). Vemos, pois, na terceira cena bordada no manto, a deusa Afrodite olhando seu próprio reflexo no escudo do deus Ares, o que nos sugere em algum nível o ideal do amor entrelaçado com a traição e com a disputa (cf. Mori, 2008, p. 57). Ainda de acordo com Goldhill, 1991, a técnica de descrição de Apolônio difere bastante da chamada técnica “generalizante” homérica, tendo por meio das imagens ali descritas uma maior ligação (mais explícita, ao menos) com a temática da narrativa. No entanto, o próprio autor atesta a falta de concordância na crítica com relação a como se deve entrever o funcionamento preciso da ekphrasis dentro da narrativa. Bulloch, 1985a, desenvolve a hipótese da influência que o Catálogo de Mulheres da Odisseia (Od. 11.225-332) possa ter exercido sobre a passagem, o que, de acordo com o autor, levaria a uma inevitável e significativa associação de Hipsípila com Ariadne, tal qual a associação que se dará também com Medeia no canto terceiro (ver cap. 2.1.3 supra). Sobre a relação do manto de Jasão com o *Catálogo de Mulheres* hesiódico, cf. Bulloch, 2006, pp. 61-2. Ainda sobre a associação das personagens femininas das Argonáuticas de Apolônio de Rodes

com Ariadne, cf. Hunter, 1993, e Bulloch, 2006. A respeito da forte significação das cores indicadas na descrição do manto, vale observar o que é dito por Vian (1976, p. 84, n. 1): “ἔρευθος (vv. 726-7) indica uma luz brilhante e deslumbrante, tal como o sol nascente (3.163; 4.126), um astro (1.778), ou o reflexo ‘como uma chama’ do velo frente ao rosto de Jasão (4.173). Πορφυρέη sugere um vermelho escuro puxando para o preto: comparar com a túnica dada a Apsirto (4.424) ou com a que usa Medeia durante suas operações mágicas (4.1661); o epíteto pode até mesmo qualificar a água do mar ou a fumaça avermelhada que se forma de um braseiro (1.438). Esse manto solar evoca antecipadamente certa medida do esplendor do velo”.

730-4. a primeira cena do manto de Jasão, referente à forja do raio de Zeus pelas mãos dos Ciclopes, foi traduzida com efeitos aliterativos (em ‘f’, no caso), tencionando reproduzir os efeitos presentes no texto grego, com aliterações em ‘σ’ e em ‘τ’.

735. **Ἀντιόπης Ἀσωπίδος**: Antíope é filha do rio Asopo, que fica na Beócia. Cf. Od. 11.260ss.: “Antíope de Asopo eu vi: nos braços / concebeu do Satúrnio Anfion e Zeto, / que alcançaram Tebas a de sete portas / e a muniram de torres, pois sem elas, / bem que heróis, habitá-la não podiam” (trad. de Odorico Mendes, vv. 199-203). Entretanto, no canto 4 das Argonáuticas (v. 1090), Antíope é novamente mencionada, mas dessa vez como filha de Nictéu: “Pais há que às filhas bárbaros se mostram. / Quanto não maquinou Nictéu em dano / de Antíope gentil?” (trad. de Costa e Silva, vv. 4.1406-8; escolhi atualizar a ortografia do texto para que houvesse uma melhor compreensão).

742-6. A representação da cena eminentemente erótica de Afrodite sendo refletida no escudo de Ares representa uma quebra na sequência de cenas descritas no manto. A própria fórmula introdutória é mudada (antes: “via-se”, “viam-se”) nessa cena que trata de personagens exclusivamente divinos. A observação feita por Fusillo & Paduano (2010, p. 179) relaciona a importância dessa cena com um “preciosismo” da poesia alexandrina: “o enquadramento de Afrodite que se reflete no escudo de seu amante Ares é de um preciosismo todo alexandrino, enquanto recupera o esquema iconográfico da Afrodite armada, que retoma o século V (Afrodite de Corinto e Venus Genetrix do escultor Calímaco). A imagem encarna a oposição polarizada entre amor e guerra, representada por duas figuras antonomásticas; oposição esta encontrada em toda a Argonáutica, em que os heróis combatem o menos possível e obtêm seu objetivo graças à intervenção de Afrodite, isto é, graças à paixão amorosa de Medeia”.

748. **Τηλεβόαι**: Sobre o mito da contenda entre os Teléboas e os Electridas, cf. Mooney, 1912, p. 116: “Teleboides era o antigo nome das ilhas próximas à Acarnânia, mais tarde chamadas de Tafos. Os habitantes eram piratas notórios, cf. Od. 15.427, 16.426. No reino de Electrião, tio de Anfetrião, em Micenas, os Táfiος sob o comando de Pterelau fizeram um assalto. Os filhos de Electrião lutaram com os filhos de Pterelau para decidir a questão, mas todos os combatentes de ambos os lados foram

mortos. Os Táfiros levaram então o gado, que foi recuperado por Anfitrião, que capturou as ilhas: cf. Eur. H. F. 60, 1080 : Plaut. Amph. prol. 101”. Ainda com relação a essa cena, cf. a descrição de cena similar no escudo de Aquiles (Il. 18.520-9), além da abertura do Scutum de Hesíodo, que começa com a tarefa de Anfitrião de empreender vingança contra os Táfiros e os Teléboas por terem matado os irmãos de sua esposa Alcmena, filha de Electrião (Hunter, 1993, p. 56).

761. **Τιτυόν**: O gigante Tício, filho de Zeus e Elara, mas nascido de Gaia (onde Zeus havia ocultado a Elara no momento do parto para evitar os ciúmes de Hera; v. n. seguinte, sobre Elara), morreu e sofreu castigo eterno no Hades por seu ultraje a Leto, mãe de Apolo (Sánchez, 1982, p. 126). Tal castigo está descrito na Odisseia (11.576-81): “Eis Tício, aluno / da gloriosa Terra, que estendia-se / por jeiras nove, e abutres, sem podê-los / despregar, às entranhas aferrados, / lhe estão roendo o fígado, em castigo / da tentada violência à do Tonante / casta esposa Latona, indo ela a Pito / pelas do Panopeu ridentes margens.” (trad. de Odorico Mendes, vv. 448-55).

Ἐλάρη: sobre Elara, os escólios fazem menção a duas lendas. Uma seria a de que Zeus a tivesse colocado viva sob a Terra (tendo Tício nascido nessa situação), por temor à fúria de Hera por causa da relação entre os dois; outra versão seria a de que Elara teria morrido ao dar à luz a sua criança, devido ao tamanho do bebê, e por isso a Terra (Gaia) o teria re-parido. Mooney (1912, p. 117) relembra ainda que na Eneida (6.595ss.), Tício é, por esse motivo, chamado de “Terrae omniparentis alumnus”. A tradução de Odorico Mendes para o trecho é a seguinte (notar a semelhança com o texto homérico na nota anterior, que faz a mesma menção a Tício, no mesmo contexto): “Também da mãe comum o aluno Tício / por jeiras nove, ó pasmo! estira os membros: / rói-lhe o abutre cruel de bico adunco / o fígado imortal;” (vv. 6.612-5).

774. **φαεινῶ ἀστέρι ἴσος**: o símile da estrela aplicado a Jasão neste verso inicia um grande enredamento de características que o associam tanto ao amor quanto à ruína, já que vários indícios textuais, que observaremos abaixo, associam Jasão a uma estrela de mau agouro, dotada de um terrível poder de destruição. Pois Apolônio retoma nesse ponto um símile homérico que relaciona o herói ao valor guerreiro e também a um anúncio de sofrimento aos seus oponentes: “Na Ilíada, o símile do astro frequentemente serve para sublinhar a grandiosidade de um herói que se põe à prova em batalha e traz destruição aos inimigos” (Effe, 2001, p. 165). As mulheres de Lemnos, visitadas por essa ‘estrela’, são mulheres privadas do amor após a morte de todos os homens da ilha, e, por consequência, vivem completamente reclusas em sua cidade. Dentro desse cenário que nada tem a ver com o cenário do símile bélico da estrela homérica, o narrador manipula a inversão do valor heroico tradicional, já que sugere de uma maneira engenhosa que algum mal possa vir a cair sobre as habitantes de Lemnos com a chegada de Jasão (lembrando que, embora Jasão tenha um envolvimento íntimo apenas com Hipsípila, no canto primeiro, tal como com Medeia no canto terceiro, seu símile na chegada a Lemnos atinge a todas as mulheres da ilha: “qual fulgente estrela que (...) as jovens noivas veem ascender na noite”, como se seu

efeito destrutivo impusesse efeitos sobre o sentimento amoroso de todas elas. Não à toa, sua entrada na cidade é seguida “em dilúvios” pelas mulheres “alegres co’ estranho” [vv. 782-4]. Goldhill, 1991, p. 313 (referindo-se a Zanker, 1987, p. 203) diz: “Zanker, por exemplo, compara a chegada de Jasão à cidade das Lêmniás – onde, como vimos, sua beleza é especialmente ressaltada – com a intimidação iliádica de Heitor a Páris, sendo este ‘belo em formato mas carente de força e valentia’ (Il. 3.43-5), e conclui que, em sua representação de Jasão como um herói, Apolônio está virando os valores do heroísmo tradicional de cabeça para baixo”. Temos, portanto, dois novos valores atrelados ao mesmo símile: primeiro a transposição do valor guerreiro de Jasão a um patamar quase (ou completamente) exclusivamente amoroso; e, em segundo lugar, a importante vinculação do amor de Jasão a um caráter prejudicial que acometerá Hipsípíle, trazendo-lhe sofrimentos (vv. 886-98), tal como acontecerá futuramente com Medeia, no canto terceiro. Os dois momentos de preparação para o encontro amoroso apresentam várias semelhanças, principalmente com relação ao uso do símile do astro. Diz Hunter (1993, p. 48) sobre o assunto: “Ao se preparar para encontrar tanto Hipsípíle como Medeia, Jasão se ‘arma’ com deslumbrante beleza (1.721-73, manto e lança; 3.919-26, maravilhosa graça concedida a ele por Hera), em uma reescrita erótica da preparação homérica para um duelo. As duas abordagens são também juntadas a símiles correspondentes de astros. (...) O poeta da Odisseia já havia feito algo similar com convenções iliádicas ao descrever a aproximação de Odisseu a Nausícaa em 6.11. Lá, uma pequeno ramo é a ‘armadura’ do herói, e um símile de leão, bastante sugestivo na *Ilíada* (cf. esp. Il. 12.299-308), denota o seu acercamento às jovens moças”. Bulloch, 2006, p. 49, entretanto, argumenta que há diferenças visíveis no texto de Apolônio que indicam ser Jasão uma figura destrutiva para Medeia, mas não para Hipsípíle, fazendo uma comparação entre os dois momentos de símiles: “em 1.774–781 Jasão é como uma estrela vista alegremente por uma paciente noiva que aguarda o retorno do seu prometido, ao passo que em 3.956–961, quando ele se aproxima de Medeia, Jasão é como a estrela-canina (Sírius) que traz destruição aos rebanhos”. O autor também interpreta o encontro do herói com a rainha de Lemnos por meio de uma retomada de figuras odisséicas: “O Jasão de Apolônio parece ser uma figura da Odisseia que, nessa altura de seus trabalhos, pode rejeitar Hipsípíle com a mesma justificativa moral que Odisseu tinha quando recusou as tentações de Calipso e de Nausícaa, representantes de mundos utópicos e irreais”. Por fim, ressalto também o significado da estrela Sírius em Hesíodo (*Trabalhos e dias*, vv. 582-8), que pode nos revelar um dado interessante, além do âmbito homérico, para interpretar os episódios argonáuticos. Diz o poeta que “na estação do verão cansativo, / é (...) que as cabras são mais gordas, o vinho melhor, / as mulheres mais lascivas e os homens mais fracos, / pois Sírius queima a cabeça e os joelhos, / e a pele resseca sob o calor” (trad. de Alessandro Rolim de Moura). O efeito da Sírius hesiódica causado sobre homens e mulheres não deixa de ser surpreendente quando o atrelamos à narrativa das Argonáuticas, já que as semelhanças entre os significados são evidentes. O símile usado por Apolônio, pois, parte da excelência guerreira e do caráter funesto de Homero e se readapta à preparação (feita em termos bélicos) para a consumação de amores, ao passo que o intertexto hesiódico reforça não apenas a lascívia e o crescente erotismo

dos episódios no padecimento dessas mulheres à influência da estrela, mas também a própria incapacidade de Jasão de ser figurado como um herói de valor guerreiro, um “homem mais fraco” recorrendo algo engenhosamente ao auxílio feminino para realizar suas tarefas.

813-17. Notar a reminiscência de uma concepção da idade de ferro hesiódica nesse cenário pintado por Hipsípila (Trabalhos e dias, vv. 182-8, trad. de Alessandro Rolim de Moura): “Nem o pai será concorde com os filhos, nem os filhos com o pai, / nem hóspede com anfitrião, nem companheiro com companheiro; / nem um irmão será querido, tal como era antes. / Desprezarão os pais logo que envelheçam, / e vão repreendê-los proferindo duras palavras, / os cruéis, ignorando a vingança divina; e nem mesmo / dariam aos velhos pais retorno pelo alimento que tiveram na infância”.

836-42. Breve rejeição com que Jasão responde às ofertas de Hipsípila, onde concluímos que o herói não parecia se mostrar tão afetado por Eros quanto a rainha e o resto das Lêmniatas. Fusillo & Paduano (2010, p. 189) observam ainda que o ato do toque na mão direita (v. 842) representa um compromisso formal assumido pelo herói, indicando que sua fala logo acima não consiste numa mentira. Além disso, essa é uma cena que prenuncia claramente o encontro, descrito por Virgílio, entre Eneias e Dido no Hades (Aen. 6.450-76).

851. **Ἡφαίστιο χάριν**: Lemnos era consagrada a Hefesto, que caiu na ilha depois de ter sido atirado do Olimpo por Zeus (cf. Il. 1.594). Mooney, 1912, p. 122, comenta ser a atividade vulcânica da ilha o motivo do nascimento dessa crença. A tradução de Fawkes, 1780, v. 1106, explicita a informação: “Lemnos, Vulcan’s sacred isle”.

859. **Ἡρῆς υἱὰ κλυτὸν**: o “filho ilustre de Hera” aqui citado é Hefesto (v. n. 851). Cf. Hes. Theog. 927-9 (trad. de Jaa Torrano, 2007): “Hera por raiva e por desafio a seu esposo / não unida em amor gerou o ínclito Hefesto / nas artes brilho à parte de toda a raça do Céu”.

865-74. Com relação ao uso da palavra πολήτιδας no discurso de Hércules, a referência é com relação às “mulheres de nossas cidades”, e não às “nossas mulheres” no sentido de “nossas esposas”. Sobre o verso seguinte, Sánchez (1982, p. 130) assume que a expressão usada (“arar campos de Lemnos”, v. 868) é de caráter metafórico, como se fossem esses campos de Lemnos as próprias mulheres da ilha. A boa análise do trecho feita por Fusillo & Paduano (2010, pp. 191-3) demonstra ainda outras importantes questões. Primeiro, deve-se notar que este é o primeiro momento dessa épica de ‘valor coletivo’ em que se sobressai uma figura de força singular. O contraste entre os modelos de heróis representados por Hércules e Jasão se dá principalmente no ponto final do discurso (vv. 873-4), onde Hércules impõe o próprio valor heroico ao sublinhar o quanto o outro é débil e irresponsável: “p’ra sempre o deixai, ‘té que Lemnos / povoe com garotos, alcançando-o a glória”. Por fim, nota-se entre os vv. 870-2 uma expressão sarcástica (“Nenhum deus / concederá por vossas preces velo

autômato.”) semelhante à usada por Polixo nos vv. 685-7 (“Vão / acaso autômatos os bois trazer o arado / p’ra vós”), ressaltada pelo uso de αὐτόματος. O paralelismo entre as duas passagens é significativo principalmente por representar duas intervenções de figuras que, com conselhos sensatos, conseguem mudar o rumo da ação.

879. **μέλισσαι**: comparar esse verso com o símile presente em Il. 2.87 ss. Tal é a tradução de Odorico Mendes, vv. 2.75-80: “Quais de oca pedra, em sucessivos bandos, / brotam nações de abelhas, pressurosas / no múltíplice adejo, e em cachos pousam / do verão sobre as flores; tais, brotando / de naus e tendas, sobre a vasta praia / grupos e grupos à assembleia afluem”; incluo também a tradução de Haroldo de Campos, vv. 87-93, que ilustra ainda melhor a proximidade que se pode encontrar entre o símile de Apolônio e de Homero, que se reflete também entre nossas traduções: “Então a multidão feito mélico enxame / de abelhas irrompendo duma rocha cava – / semprezanzando ou quando em torno às flores zumbem / (que primaveram!), ora aqui, ora ali, cachos / de abelhas-mel voando –, assim a multidão / acorre dos navios e tendas em tumulto, / pela beira-do-mar profundossoante, à ágora”. Sobre a figura simbólica da abelha como insígnia real no Egito, diz Stephens (2003, p. 1): “Por mais de dois mil anos a abelha foi usada na escrita hieroglífica para indicar o rei do Baixo Egito e da região do Delta, e uma abelha, em geral elaboradamente talhada e pintada, sempre precedeu a cartela do nome do faraó, resultando que a palavra egípcia para abelha (bit), tornou-se metonimicamente sinônimo também de ‘rei’”. Horapolo, o suposto autor dos Hieroglyphica, também citado por Stephens (2003, p. 3), e cuja citação eu aproveito aqui, descreve o hieróglifo da abelha “como ilustrando um povo obediente ao seu rei. Pois diferentemente de todas as outras criaturas, a abelha tem um rei que é seguido por todas, tal como homens que seguem a um rei. Alegoricamente, do prazer do mel e do poder do ferrão se relacionam as ideias de que um rei é ao mesmo tempo gentil e enérgico ao realizar julgamentos e em governar”. Virgílio, no livro IV das Geórgicas, em que se vê o mito de Orfeu e Eurídice contado no episódio de Aristeu, também trata do assunto da apicultura. Conta-se que o episódio continha originalmente uma exaltação a Cornélio Galo. Notar ainda o símile no livro 1 da Eneida, na ocasião da chegada de Eneias a Cartago, onde o trabalho do povo é ali comparado ao trabalho das abelhas: “Quais abelhas ao sol por flóreos prados / lidam na primavera (...)” (trad. de Odorico Mendes, vv. 1.450-9). Considerando as referências aqui juntadas, nota-se a importância que vem a ser atribuída indiretamente ao próprio Jasão, como aquele que assume, de acordo ou não com a sua vontade, a realeza da ilha de Lemnos, onde as mulheres da ilha, como abelhas que circundam a todos os homens, reconhecem nesses estranhos o poder do julgamento e da governança. A “ferroada” com que o líder devolve a oferta é, pois, aceita com dignidade por Hipsípila e pelas outras, o que demonstra devoção e respeito para com a decisão de um soberano sobre as obedientes súditas.

898. um filho nascido da união entre Jasão e Hipsípila, chamado Euneu, reinou sobre Lemnos durante a guerra de Tróia. Cf. Ilíada 7.467-71 (trad. de Odorico Mendes, vv.

377-9: “Em baixéis remetera Euneu de Lemnos, / prole de Hipsípila e Jason monarca, / medidas mil de vinho aos dois Atridas”; trad. de Haroldo de Campos, vv. 467-71: “Nisso, aproam numerosas / naus de Lemno, com vinho, a mando do Jasônide / Euneu, filho de Hipsípila e do herói Jasão, / pastor-de-povos. Mil medidas para os dois / Atrides, de presente”); Il. 21.41 (trad. de Odorico Mendes, vv. 37-8: “e na possante / Lemnos ao filho de Jason vendido”); Il. 23.747 (trad. de Odorico Mendes, v. 621: “Euneu Jasônio”).

901. Trecho de difícil compreensão, e que consistiu em um grande problema para se chegar ao formato final da tradução, por não se ter certeza do que significam as palavras de Jasão. Ardizzoni (1967, p. 218) considera que o uso de ἀρείω possa estar corrompido, pois não seria possível entender θυμὸν ... ἴσχανε como “tenha de mim uma opinião melhor” (“But do thou hold a nobler thought of me”, por Seaton; “But do thou cherish nobler thoughts concerning me”, por Mooney), uma vez que ἴσχάνω significa “conter/segurar”, seja em Homero ou mesmo no próprio Apolônio, onde há outras duas outras ocorrências (3.612, “δέος δέ μιν ἴσχανε θυμόν”; e 4.108, “ἴσχανεν ἀσχαλώσαν”). O autor considera o uso de ἀράων: Jasão exorta Hipsípila a “manter o ânimo das preces”, referindo-se à sincera e suplicante fala que a jovem e apaixonada rainha tinha acabado de dirigir a ele (v. 886). Vian (1976, p. 260) também comenta a passagem, e julga que a possibilidade da interpretação com o uso de ἀρείω parece melhor, com esta leitura: “‘tenha de mim uma melhor opinião’, ou seja, ‘fique tranquila, eu não vou tomar o seu filho, salvo se sua presença em minha casa, junto aos meus pais, for indispensável’. Essa interpretação retoma a paráfrase do escoliasta, senão seu comentário; ela coloca a resposta de Jasão em um contexto ‘anti-heroico’, o que não é surpreendente. E obriga a admitir que ἴσχάνω equivale aqui a ἔχω, enquanto em duas outras passagens Apolônio a utiliza no sentido homérico de ‘reter/deter’”. Sánchez (1982, p. 132) ainda lembra que, em Apolônio, Jasão não reivindica o trono de Iolcos após o seu retorno, tema este fundamental na versão de Píndaro (Pítica 4).

REFERÊNCIAS

APOLLONII. Argonautica. Emendavit apparatus criticum et prolegomena adiecit R. Merkel. Scholia vetera e Codice Laurentiano edidit Henricus Keil. Lipsiae: B. G. Teubneri, 1854.

APOLLONII RHODII. Argonautica. Ex recensione et cum notis Rich. Fr. Phil. Brunckii. Editio nova auctior et correctior. Accedunt scholia graeca ex Codice Biblioth. Imperial Paris. Nunc primum evulgata (2 vols.). Lipsiae: Fleischer, 2010.

_____. Argonavtica. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit: Hermann Fränkel. New York: Oxford University Press, 1961.

- APOLLONIOS DE RHODES. *Argonautiques*. Texte établi et commenté par Vian et traduit par Émile Delage. Deuxième tirage revue et corrigé. Paris: Les Belles Lettres, 1976.
- APOLLONIO RHODIO. *Os Argonautas de Apollonio Rhodio* traduzido por José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional, 1852.
- APOLLONIO RODIO. *Le Argonautiche*. Traduzione di G. Paduano, introduzione e commentario di G. Paduano e M. Fusillo. Milan: Biblioteca Universale Rizzoli, 2010.
- APOLLONIUS OF RHODES. *The tale of the Argonauts*. Translated by Arthur S. Way. London: Published by J. M. Dent, 1901.
- _____. *The voyage of Argo: The Argonautica*. Translated with an introduction by E. V. Rieu. Harmondsworth: Penguin Books, 1967 [1959].
- APOLLONIUS RHODIUS. *Argonautica*. Translated by R. C. Seaton. Harvard: Harvard University Press, 1912 (Loeb Classical Library).
- _____. *Argonautica*. Edited and translated by William H. Race. Harvard: Harvard University Press, 2009 (Loeb Classical Library).
- _____. *Argonautica*. Edited by George W. Mooney. London: Longmans, Green, 1912.
- _____. *The Argonautic Expedition*. Tradução, prefácio e apêndices por Edward Burnaby Greene (vol. 1). London: printed for Thomas Payne, 1780.
- _____. *The Argonautica of Apollonius Rhodius*. Trad. por Edward P. Coleridge. London: George Bell and Sons, 1889.
- _____. *The Argonautics of Apollonius Rhodius*. Trad. por Francis Fawkes. London: printed for J. Dodsley, 1780.
- APOLONIO DE RODAS. *Argonáuticas*. Introducción, traducción y notas de Mariano Valverde Sánchez. Madrid: Editorial Gredos, 2007 [1982].
- _____. *El viaje de los Argonautas*. Ed. preparada por Carlos Garcia Gual. Madrid: Editora Nacional, 1983.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos (2 vols.). São Paulo: Editora Arx, 2003.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Odorico Mendes; org. Antônio Medina Rodrigues, pref. Haroldo de Campos. São Paulo: Ars Poetica / EDUSP, 2000.

Sobre poesia épica, literatura Helenística e as Argonáuticas de Apolônio de Rodas:

- ARDIZZONI, A. *Le Argonautiche I*. Testo, traduzione e commentario a cura di A. Ardizzoni Roma: Biblioteca Athena 3, 1967.
- BEYE, C. R. *Epic and romance in the Argonautica of Apollonius*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1982.
- BULLOCH, A. W. "Hellenistic poetry" In: EASTERLING, P. E. & KNOX, B. M. W. (Eds.). *The Cambridge history of classical literature*. Vol. 1, part 4: *The Hellenistic period and the Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- _____. "Jason's Cloak." Publicado em *Hermes* 134, 2006: 44-68.

- CAMPBELL, M. A commentary on Apollonius Rhodius' *Argonautica* III. 1-471. Leiden, 1994.
- CUYPERS, M. P. "Apollonius of Rhodes". In: DE JONG, Irene (ed.) *Narrators, Narratees, and Narratives in Ancient Greek Literature – Studies in Ancient Greek Narrative, Volume I*. Boston : Leiden, 2004, pp. 43-62.
- DINIZ, Fábio Gerônimo Mota. A passagem do cetro: aspectos dos personagens Hércules e Jasão na Argonáutica de Apolônio de Rodes. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara, 2010.
- EFFE, B. "The similes of Apollonius Rhodius. Intertextuality and Epic Innovation". In: PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.
- ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to the Hellenistic world*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- FANTUZZI, Marco & HUNTER, Richard. *Tradition and innovation in Hellenistic poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- FEENEY, D.C. *The Gods in Epic: Poets and Critics of the Classical Tradition*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- GOLDHILL, S. *The Poet's Voice: Essays on Poetics and Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- GOODWIN, Charles J. *Apollonius Rhodius: His figures, syntax and vocabulary. A dissertation presented for the degree of Doctor of Philosophy. University Studies of the John Hopkins University / Baltimore, 1891*.
- GUAL, Carlos García. *Mitos, viajes, héroes*. Madrid: FCE, 2011.
- GUTZWILLER, Kathryn. *A guide to Hellenistic literature*. Oxford: Blackwell, 2007.
- HOPKINSON, Neil. *A Hellenistic Anthology. Selected and edited by Neil Hopkinson*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- HUNTER, R. L. *Apollonius of Rhodes: Argonautica Book III*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- _____. *The Argonautica of Apollonius*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- _____. "The Hesiodic Catalogue and Hellenistic poetry." In: *The Hesiodic catalogue of women: constructions and reconstructions.*, por Richard Hunter, 239-65. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- _____. "The Poetics of Narrative in the Argonautica". In: PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.
- _____. *The shadow of Callimachus: studies in the reception of Hellenistic poetry at Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- KING, Katherine Callen. *Ancient epic*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.
- KÖRTE, A. & HÄNDEL, P. *La poesía helenística*. Barcelona: Editorial Labor, 1973.
- MEYER, D. "Apollonius as a Hellenistic Geographer". In: PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.

- MILLER, Dean A. *The epic hero*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.
- MORI, Anatole. *The politics of Apollonius Rhodius' Argonautica*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- MORRISON, A. D. *The narrator in archaic greek and hellenistic poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- NELIS, Damien. *Vergil's Aeneid and the Argonautica of Apollonius Rhodius*. Leeds: Francis Cairns, 2001.
- NEWMAN, John K. "The Golden Fleece. Imperial Dream". In: PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.
- NOGUEIRA, Érico. *Verdade, contenda e poesia nos Idílios de Teócrito*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2012.
- PAPANGHELIS, Th. D. & RENGAKOS A. (Eds.) *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden-Boston: Brill, 2001.
- STEPHENS, Susan A. *Seeing double: intercultural poetics in Ptolemaic Alexandria*. London: University of California Press, 2003.
- THOMPSON, Dorothy J. "The Ptolemies and Egypt". In: ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to the Hellenistic world*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- VIEIRA, Leonardo Medeiros. *Ruptura e continuidade em Apolônio de Rodes: os símiles nas Argonáuticas I*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG, 2006.